

Cartografias circulares de uma encantaria na amazônia: entre convivências e afetos de suas ciências e educação

*Circular Cartographies of Enchantment in the
Amazon: Between Coexistence and Affections
of Its Sciences and Education*

Fanuela de Oliveira Vasconcelos

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia –
PPGEC da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, bolsista da Fundação de Amparo à
Pesquisa no Estado do Amazonas - FAPEAM

Natalia Francisca Pereira Franco

Mestranda do PPGEC da UEA, bolsista FAPEAM

Hannyn Barbara Alves Garcia

Mestranda do PPGEEC da UEA, bolsista FAPEAM

Caroline Barroncas de Oliveira

Doutora, Especialista em Antropologia, Professora do PPGEEC/UEA

Mônica de Oliveira Costa

Doutora, Professora do PPGEEC/UEA

Resumo

Este artigo se propõe em cartografar uma encantaria na Amazônia, em fruição com os encontros afectuais de todos os povos em composições de gentes circulares. É constituído na ideia de estarmos em convivência e confluência em terras Amazônicas, sermos amazônidias, e nos posicionamos em aprender a ser gente ancestral em

processos de descolonização e em composições poéticas de um cotidiano amazônico de encantarias e constituições tempo/espacó circulares. Mulheres, professoras, pesquisadoras, encantadas que cartografam encantarias que inventam uma constituição de seres encantadas que abrem mundos nos quais é possível povoar-se de ternura, vida, gentes, poesia, por um imaginário antropológico amazônico. Nos contamos a partir de histórias que ouvimos no cotidiano das nossas existências nos terreiros e águas. Nossos escritos são fundamentados na oralidade, através dos cantos, das conversas-ensinamentos, nas práticas do fazer, numa epistemologia da ancestralidade. O círculo se apresenta como conexão corpo-encantaria e vida, conjugado pelas diferenças de seres e em confluências em processos de educação amazônica. Em suma, sentires, encontros, afetos, fotografias com/da encantaria na possibilidade de fazer existir educações outras.

Palavras-chave: Cartografia; Encantarias; Amazônia.

Abstract

Abstract: This article aims to map an enchantment in the Amazon in conjunction with the affective encounters of all peoples in compositions of circular beings. It is based on the idea of being in coexistence and confluence in Amazonian lands, being Amazonians, positioning ourselves to learn to be ancestral people in processes of decolonization and in poetic compositions of an Amazonian everyday life of enchantments and circular time/space constitutions. Women, teachers, researchers, enchanted beings who map enchantments that invent a constitution of enchanted beings that open worlds where it is possible to populate with tenderness, life, people, poetry, through an Amazonian anthropological imagination. We narrate stories we hear in the daily life of our existences in the yards and waters. Our writings are based on orality, songs, teaching-conversations, and practices of doing according to an epistemology of ancestry. The circle presents itself as a connection between body-encantment and life, conjugated by the differences of beings in confluences and processes of Amazonian education. Feelings, encounters, affections, photographs with/of enchantment in the possibility of making other educations exist.

Keywords: Cartography; Enchantments; Amazon.

Círculos iniciais

Vou abrir minha aruanda
vou abrir meu juremá
Vou abrir minha aruanda
vou abrir meu juremá

Com a licença de mamãe Oxum e nosso pai Oxalá

Cantamos para nos encantarmos. Quando abrimos uma roda, uma gira, um círculo de encantaria, nos mobilizamos para um sagrado em nós. Pedimos abertura para imaginarmos corpos-vidas outras. Abrir uma roda é encontrar outros regimes

na tentativa de que se deixe contagiar por estas forças: Como podemos abrir rodas para as convivências e afetos? De que modos constituir uma cartografia circular de uma encantaria na Amazônia? Como construir outras condições de abrir rodas nas ciências e educação?

Lembramos da frase de cânticos antigos, que diz: 'Somos um círculo dentro de um círculo, sem começo e sem fim'. Essa infinitude em um tempo finito... Ocupar-se do entre, do menor e do miúdo como invenção de linhas que materializam o assombro, "desviando da arrogância das formas que se julgam imensas" (Rufino, 2020, p. 180), ou seja, como prática de resistência das encantarias amazônicas. Assim sendo, enlaçadas nesse círculo, apostamos na possibilidade de criação de saídas inovadoras e munição de repertórios guerreiros contra os assédios do olho grande e da obsessão dos agentes contrários à vida circular (Rufino, 2020).

Somos mulheres, amazônicas, aqui tem mulher de terreiro de Mina, tem a encantaria das matas, da encantaria do cotidiano amazônico e se encantam na docência, na ciência e circularmente transitam em rodas ancestrais. Além disso, possuem lembranças que compõem um imaginário corpo-natureza-encantaria, seja nos banhos de ervas, seja nas defumações e nas vozes que ressoam em modos de existência na confluência afro-indígena, como também em nossas formações de ser gentes da amazônia.

Desta feita, saudamos cada mulher-pesquisadora que aqui se inscreve e habita a encantaria de uma forma. A Caroline Barroncas se encanta nas ervas e nas pajelanças vividas no íntimo de sua ancestralidade. O caboclo ecoa seu grito em movimentos circulares dissidentes das histórias de sua mãe, Socorro, ao contar sobre a bisavó indígena do povo Mura advinda de Autazes-AM, na qual havia sido laçada pelo português (bisavô) que atravessou o continente. Ela escuta pela sua mãe, isto é: "sua avó me levava, quando criança, para o terreiro. Lá ela se consagrou mulher de santo. Dona Violeta, sua avó, teve três filhas que ela afirmava ser do espírito santo. Sendo que ela por ser médium nos anos 50 na cidade de Manaus-AM, vinda de Autazes-AM, foi internada no hospício pelo tio-marido tantas vezes que não se conta". A encantaria para mulheres é algo tido como perigoso em muitos contextos, ser de terreiro e se encantar é ainda para poucos.

Sim, eu tenho a cara do Sol, o sabor do tucumã, as asas do curiô. Sou filha de Antônio, nordestino que me ensinou a sonhar com uma artesania de fazer

gente-madeira, que martela, serra, lixa, palavras que põe em funcionamento a vida feita com mãos, singular, única e que não se pode reproduzir. Nasci de Iraci, que me ensinou sobre a coragem de viver um feminino que se faz com outros homens, mulheres, crianças, plantas, águas escuras e barrentas. Sou Mônica, uma vitória régia loura, num território dito de indígenas e mestiços. Sou filha do Rio Solimões e do Rio Negro. Sou um entrelugar distante que muda à medida que se aproxima dele, no qual, branca é mestiça, indígena que fala português, do mato vê o mundo pelo celular. Sou multidões compostas de muitos ritmos, muitos cheiros, muitas cores, muitas caras. Sou da docência de sensibilidades. Sou uma Amazônia plural, artesã, feminina, solar, colorida e alegre, sempre em estado de nascimento, de inauguração. Gero vida pelo útero e pela palavra, tantos já nasceram de mim.

Natália, nome de origem latina, quer dizer “dia do natal” ou “dia do nascimento” ou até mesmo “renascimento”. Nasceu e morreu, e renasceu quando encontrou, nessa encruzilhada-circular-encantada da vida, irmã de outra dimensão, mulher do tambor de mina, mulher que cura com ervas, mulher regida pela encantaria do sensível; enfim, é cercada por mulheres-amazônidas. Filha de mãe médium que é ressoada por nômades, Laroyê Pombagiras! Dona dos cemitérios, das encruzilhadas, de uma força do feminino que aqui não entendemos em termos biológicos, mas de uma energia que canta em nós como o g-rito¹ de um vulcão.

Hoje, reconheço que cresci na macumba, do lado da casa de minha bisavó no interior de Caapiranga/AM, onde morava Boneca, uma mandingueira que fez parte não só de minha primeira infância, mas de minha mãe e tias. Depois, em Manaus, frequentava o terreiro da encantadora-encantada Cabocla Mariana, a mulher de chapéu com penas e roupas coloridas, que dava doces e incendiava meu corpo com fumaça de banimentos, maior conselheira de minha avó, Dona Dalva.

Essas memórias ficaram num oco de mim, até que me cruzei com Fanuela, mulher preta e futura mãe de santo do Tambor de Mina, foi quando me re-encantei e re-descobri o profano que habita em meu ser. Ademais, a partir-com a Carol e uma mulher amazônica de aruanda, filha de Iansã, descobri outras dimensões, sementes do céu ou até mesmo sem lugar, seres nômades como o povo das ruas, sem ponto fixo e destino, mas de tão longe e cheio de mistérios. Nesse cenário, falar de mandinga, bruxaria, feitiçaria para mim é dizer do-com o sensível, é se permitir ser um

¹ Termo grafado com hífen para destacar a palavra rito, fazendo alusão a um ritual.

encantado e se en-cantar² no som do batuque, dos pássaros, no cheiro das ervas... no céu noturno espelhado de estrelas, vibrar em multiplicidades de confluência com todos os seres.

A benção aos meus velhos, a benção aos meus novos! Das autoras, eu sou a macumbeira! Chamo-me Fanuela, mulher preta, amazônica, professora e pesquisadora antirracista, mãe, filha de santo *noviça* do Tambor de Mina. De Oliveira, do lado branco de minha mãe, Dona Francisca, amazonense, filha de acreanos descendentes de portugueses, emigrantes do Ceará. Vasconcelos do lado preto, de meu pai, Seu Manuel, tocantinense, filho de uma mulher preta, mãe-solo, nascida no estado do Maranhão, poucos anos após o fim da escravidão.

(Des)encontro-me na potência do caos. Sou Hannyn Barbara, filha de Ana Cláudia, neta de Maria Alves. Com muito orgulho trago minhas descendências nordestinas e digo que sou filha daquela que foi filha de uma puta. Mulheres guerreiras me acompanham e iluminam meus caminhos, cercados de encruzilhadas. Dizem as más línguas dos desencantados que Pombagira é mulher vagabunda, mas não! Pombagira que não tem medo de ser o que ela quiser, Laroyê! E eu sou mulher que se entrega com toda potência que posso ser e viver! Manauara, abençoada pelo meu pai Oxalá e protegida por Nanã, nos quais devo minha vida, pois sem eles para guiar e proteger meus caminhos, talvez não estivesse aqui. Por isso, cotidianamente me encanto pela vida, pela felicidade que é con-viver³ pelas intensidade dos momentos únicos. A sensibilidade intensificou meu ser quando fui atravessada pelos encantos macumbísticos, no qual me encontrei e permite uma vida confluente. A vida, com todo o seu caótico rio de possibilidades, trouxe-me até esse momento em que estou ao lado de mulheres que me dão potência para expandir e ser raios de sol em uma manhã fria.

Trata-se de escrever vidas encantadas, femininas, circulares. Nesse sentido, a escritora Conceição Evaristo (2007) nos interpela borrando as fronteiras entre a escrita e a vida. Nós respondemos a partir dos círculos das águas e das terras. Somos nós, professoras, pesquisadoras, mulheres, corpo-encantaria e vida uma só coisa. Vidas que escrevem escritas, para que essa escrita possa materializar a vida. Há como separar docência, pesquisa e encantaria?

² Separou-se a palavra com um hífen para enfatizar o ato de cantar, muito presente nos rituais nas religiosidades de matriz africana.

³ Mais uma vez nesse termo faz-se um movimento de dança com as palavras, na intenção de apresentar as possibilidades de significados.

Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? (Evaristo, 2007, p.16).

Em escritas de si, circulares em conexão direta com os mundos, com as dores, com a esperança, entendemos que o nosso lugar no círculo, a partir de um amplo campo de visão-atuação, nos torna responsáveis pelo não fechamento dos conceitos em si. Multiplicamos experiências antropológicas a partir da transculturação dos valores ancestrais imbricados. O círculo materializa os ciclos que se abrem-fecham-abrem, considerando a continuidade da vida.

Girando, girando, girando, a pesquisa acontece, seguindo a natureza da própria natu-reza. Avisamos que iremos circular por nós mesmas para constituir seres encantadas por um imaginário amazônico. O círculo é conexão corpo-encantaria e vida, conjugações pelas diferenças. Seres em confluências em processos de educação amazônica, nas quais muitas outras histórias saltarão se trançarão, sobretudo enquanto rodopiamos por nós mesmas.

Meu eu artista virou do avesso no movimento circulatório, às vezes me deixando em desequilíbrio ou enjoado pela rapidez com que eu giro, sempre molhando o meu corpo todo, me fazendo ver água. Girando eu aprendi como desaprender para que fosse possível aprender e [em]sinar. Meus giros são coreografados pelo movimento de Pambu Nzila, já que é esta a possibilidade de se deslocar, de ir, sem necessariamente precisar chegar (Ferreira, 2019, p. 27).

Desse modo, quando giramos e nos movimentamos pelos territórios da cartografia circular e acionamos encantaria e educação, podemos sentir com a presença de tais fluxos distintos (Santos; Martins, 2022). Como resultado, entendemos que as discussões mobilizadas aqui funcionam como operadores que organizam os modos de narrar-constituir educação outras, mais alinhadas a formação curricular que compõe um agenciamento cartográfico, ou seja, em aliança com linhas de diferentes naturezas, ritmos e direções. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é cartografar afetos pela convivência com a encantaria amazônica e em uma perspectiva do imaginário antropológico.

A encantaria é território infinito de possibilidades. Compõe, dentre muitos possíveis, territórios místicos que muitas vezes tem relação com as interseções com rios, igarapés, cachoeiras,

beira-mares e diversas outras geografias. Apontamos, pelo menos, três concepções sobre a encantaria que podem ser relacionadas com os ensaios em questão: a) encantaria pode ser o território onde habitam os seres encantados; b) um modo de composição de mundo e de seres que conecta religiões de matrizes africanas e indígenas; c) pode ser uma ação, o ato de encantar o corpo, um ser, um território (Veras, 2022) (Júnior; Veras, 2023, p.14).

Em outras palavras, encantaria-território, encantaria-composição-de-mundo-e-seres, encantaria-ato-de-encantar, movimentos de evocar os cruzos culturais com saberes ancestrais, nos mobilizando a pensar e multiplicar criações de possibilidades ético-estético-políticas que nos provoquem um “convivências e afetos”, como práticas de brechas inventivas de educações e ciências, repertórios guerreiros que afugentam o assombro e nos convocam desterritorializações, ramificações políticas e agenciamentos coletivos (Deleuze; Guattari, 2015).

Cartografias circulares de uma encantaria amazônica

Do que é feita a fronteira de uma cartografia? Do que se ocupa um cartógrafo? Num viés dito tradicional, podemos afirmar que ele cria métodos para melhor representar o espaço, circunda por territórios, mapas, linhas, desenhos. Tarefas essas que depois de terminadas fincam e fixam territórios, determinando o que cabe dentro dele.

Nessa premissa, ao encantar a cartografia e para ela inventar uma natureza circular, o trabalho do cartógrafo se assemelha a um acompanhar dos movimentos e flui junto a eles desenhando outros e com o outro. O território resiste à representação, o desenho que foi pincelado no nosso pensamento, assim como o território corpo-Amazônia.

Nessa perspectiva, Deleuze e Guattari, em: Mil Platôs (1980). propõem uma cartografia rizomática, um mapeamento com os caules. Esse mapeamento não é feito sozinho, mas trilhado com as multidões. Diferente do modelo “árvore” predominante no nosso pensamento; isto é, no qual existe um fundamento e, portanto, é algo totalizante que se for arrancado a “raiz” dessa cabeça-árvore, ela irá desmoronar, pois tudo se ramifica dela. Desse modo, somos levados a tornarmos ociosos, enraizados em ideias de identidades fixas, verdades eternas, essências.

Como escapar disso se a “história sempre foi contada pelos sedentários?” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 34). Como fugir dos amedrontados pela andança

selvagem da multidão? Não há uma resposta correta, mas possíveis modos. Deleuze e Guattari (1995) mostram a possibilidade de cartografar com os caules e sair do buraco dos binarismos: homem-mulher, humano e não-humano, para cair no abismo das diferenças.

Como seres levados a sermos cosmófobicos (Santos, 2023), pensando o tempo de forma linear, a en-cantaria pensa ele em forma circular, atravessado pelos começos, meios e começos. Quando nos permitimos confluir com essa en-cantaria amazônica, descolonizamos nosso corpo, permitindo que consigamos sentir fluir em nós nossos antepassados; logo, carregamos o compasso da melodia de eras, mas só é possível para quem se autoriza a ser um corpo-encantado.

Imersas nesse encanto, aqui propomos uma cartografia circular, que se movimenta junto com os humanos e não-humanos; aliás, por que diferenciar? Tudo o que circula no mundo, circula em conjunto. Pensando nisso, cartografamos por “linhas vivas” (Deleuze; Guattari, 1997, p.61), haja vista que costuram nossas entranhas e vísceras, uma sinfonia cacofonia e en-cantada que balança nossos corpos. Suturas que nos confluem com corpo fogo, terra, água, ar...macumba, feitiço, entidades, ancestralidades que, muitas vezes, ficam em um lugar esquecido dessa circularidade eterna.

Essa cartografia circular nos convoca a desorganizar o pensamento colonial-o-ccidental na força da rajada dos ventos que mãe Iansã mandou: “Iansã tem seu leque de pena, para abanar dias de calor. Oh Iansã mora na pedreira, Eu quero ver meu pai Xangô!” (Ponto cantado⁴ em Terreiros de Tambor de Mina), para soprar no nosso corpo dormente o êxtase da encantaria amazônica e assim nos fazer sermos mestres do nosso caminho, aprendendo a ser gente ancestral, já que “combater o esquecimento é uma das principais armas contra o desencante do mundo” (Rufino, 2019, p. 13).

Nesse contexto, o desencantamento do mundo é fruto do pecado original (Santos, 2023), o castigo foi a desconexão, mas o círculo conecta, abre-se para o novo:

Agora, enfim, entreabrimos o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou então nós mesmos vamos para fora, nos lançamos. Não abrimos o círculo do lado onde vêm acumular-se as antigas forças do caos, mas numa outra região, criada pelo próprio círculo. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças em obra que ele abriga (Deleuze; Guattari, 1997, p.101).

⁴ Cantigas que contam e ensinam histórias sobre os povos de terreiros e, também, são consideradas como rezas.

Lançamo-nos na cartografia circular de corpos-encantados na-da Amazônia, e convocamos todos os seres e nossa conexão. Ademais, a partir-com de-eles dão a força para criar mundos possíveis. Aqueles que são os desencantados, aqueles que possuem as cosmovisões colonizadas. Os cosmófobicos, aqui não são reverenciados, pois aqui encantamos a vida, a educação e “reinventamos as possibilidades de ser/estar/praticar o mundo enquanto terreiro” (Simas; Rufino, 2018, p. 50). Então, abrimos portais encantados para outras cosmovisões possíveis.

Portanto, o que seria uma cartografia circular? Trata-se de um movimento que não sabemos onde começa e termina.... Por meio de mulheres-amazônicas traçamos essa rota encantada, ritornelada, como diriam Deleuze e Guattari (1997); ou seja, como linhas de um ponto encantado repete:

o nosso movimento é o movimento da transfluencia, somos começo, meio e começo, porque a gente transflui, confluí e transflui. Confluí, transflui, confluí. A ordem pode ser qualquer uma. Para nós, o conteúdo determina a forma e a forma determina o conteúdo (Santos, 2023, p. 300).

Uma cartografia circular se alinha às possibilidades de vivências nos territórios, apreendendo que há uma multiplicidade de linhas, entrecruzadas e coexistentes, tramando composições de modos de narrar se fazer encantarias entre corpos, encontros, afetos, docências, as quais operam por meio de fluxos, isto é, ora como superfícies de regulações (*educação*), ora como resistências, desterritorializações, enumerações coletivas, criações, aberturas, fugas e conexões (*encantarias amazônicas*).

Cartografias circulares de uma encantaria amazônica

Puxem uma cadeira, sentem! Querem um cafézinho preto? Passo na hora para gente porque, como fazem os nossos mais velhos, vou contar-lhes algumas das minhas histórias para explicar como a encantaria faz para nos encontrar.

Nos terreiros de *macumba*⁵, seguindo a tradição dos nossos ancestrais africanos, nossa forma de aprender se dá por meio do diálogo com os pares, principalmente os anciões, nossos velhos. É sentando ao lado, silenciando para escutar, observar, sorrir, perguntar.

⁵ Embora o termo se refira a um instrumento musical, utilizo essa palavra com o intuito de ressignificá-la, para tentar tirar dela o teor de preconceito e intolerância religiosa que a compõe enquanto termo popular. Como, no período pós-abolição, o batuque de tambor nas casas de axé, com a presença do instrumento musical macumba, era comum nos terreiros, esses lugares ficaram receberam a alcunha de terreiros de macumba e seus integrantes macumbeiros.

Por isso, aqui nessa fase da prosa, contarei histórias que ouvi, que ainda ouço no cotidiano da nossa vida de povo de axé. Os meus escritos aqui são fundamentados na oralidade, através dos cantos, das conversas-ensinamentos, também nas práticas do fazer, no conhecimento passado pelos nossos ancestrais. É uma epistemologia da ancestralidade.

Dia desses, em uma *gira*⁶ de um terreiro em Manaus, uma encantada de nome Ana de Légua, que *baiava*⁷ na *guma*⁸, alegre como os Léguas são, segurando sua garrafa de cachaça, fumando seu pito, me fitou com os olhos.

Os tamborzeiros tocavam, no ritmo acelerado do terecô, e a família de Légua em terra entoava um dos pontos cantados mais conhecidos na macumba das terras e mares maranhenses.

Me convidaram para o engenho
Chegando lá tinha cana pra moer
Ô bota cana pra moer
A família de léguas quer beber

Eu vou beber cachaça
Mas não vou cair no chão
A macumba só é boa
É na eira do Maranhão
(Ponto cantado)

Também a encarei firme, com um sorriso maior que a boca, porque algo me chamava atenção. Era a energia, era a ancestralidade, era a minha história se aproximando de mim.

Meu olhar acompanhava Dona Légua e sua dança, rodando, circulando numa linda translação por toda a *guma*. Até que ela se achegou pertinho do meu ouvido, em meio ao som alto do tambor, dizendo: “Quanto mais velha, mais formosa fica! Conheço você faz tempo! Estava com saudade da minha menina!”, dando-me um caloroso e demorado abraço.

⁶ Ritual de celebração e rezas, que acontece nos salões dos templos de matriz africana.

⁷ Baiar significa dançar.

⁸ Salão em que acontece o ritual, com danças e rezas.

Por essas e outras que afirmo que não me encontrei com a encantaria, a encantaria que me encontrou. Eles dão um jeito de trazer a gente para perto. Quem é *do Santo* sabe que as confluências com os nossos ancestrais e com os nossos mais velhos e mais novos acontecem tão naturalmente que, às vezes, nos deixam assustados com as “coincidências”.

O Povo de Légua faz parte de uma família de encantados formada por espíritos que, quando em vida na carne, foram lavradores, jagunços, vaqueiros e sertanejos nas terras do estado do Maranhão e se apresentam nos terreiros de Tambor de Mata (Terecô), Tambor de Mina e, também, nas mesas de Pajelança e Jurema, no Maranhão, Pará e Amazonas.

Não se sabe, até os dias de hoje, como se deram os detalhes da morte dessas pessoas, pois seus corpos não foram encontrados. Simplesmente sumiram. Assim dizem que eles não morreram, eles se encantaram em algum elemento da natureza.

Segundo a tradição oral, os Léguas vivem numa cidade encantada chamada de “Encantaria da Mata”, localizada em uma região espiritual no Maranhão. É para essa morada que, quando se encantam, os Léguas são encaminhados.

Um médium que conheço, *cavalo*⁹ que carrega “Seu Manuelzinho Légua”, ensinou-me que o patriarca da família, “Seu Légua Boji Buá da Trindade”, era um homem negro que veio de Angola no período da diáspora africana. “O Velho Légua”, como eles chamam, antes de ser trazido para o Brasil, vivia nas ilhas de Trinidad e Tobago, e daí veio o “Trindade” do seu sobrenome.

Contei tudo isso para lhes dizer que quando “Dona Ana de Légua” disse que me conhecia, em nenhum momento a dúvida se fez em meu ser gente ancestral.

Minha avó paterna, “Dona Santana Nunes Vasconcelos”, foi lavradora no interior do Maranhão, onde nasceu em 1914. Descobri, nas minhas investigações sobre minha árvore genealógica ancestral, que ela e a família, foram bóias-friás que iam fazendo serviços de lugar em lugar, para conseguir pagar um transporte ou pegar caronas, nomadizando pela caatinga brasileira, tentando achar um local para trabalharem e encontrar alguma terra para fixarem-se. Até fincar o pé no estado de Goiás, onde finalmente conseguiram adquirir um pedaço de chão, em uma cidade literalmente no meio do Brasil, chamada Rio Sono, onde nasceu meu genitor.

⁹Pessoa que serve de suporte corpóreo para manifestação dos espíritos encantados, incorporando a entidade, “carregando-o nas costas”, como se fosse um cavalo.

Meu pai era cortador de cana e lavrador. Morou e trabalhou até os 18 anos em Rio Sono. Nos anos 70, continuou a saga na busca por melhores condições de vida, indo até o Rio de Janeiro, lá conheceu minha mãe, até chegar na Amazônia, onde vivemos hoje.

Pausa para um detalhe: Minha avó paterna Santana recebeu esse nome porque nasceu no dia de Santa Ana, dia 26 de Julho. Sant’Ana, no sincretismo religioso brasileiro, corresponde à Orixá Nanã, a Orixá mais velha.

E um parêntese nesse detalhe: na atualidade, nas escolas brasileiras, é muito comum comemorar-se o dia dos avós neste dia. O currículo escolar da educação básica tem em suas nuances um bocado da influência da macumba, mas de forma apagada, silenciada.

Então, como é possível perceber, nas três décadas que já passaram de minha vida, a encantaria sempre esteve presente, até antes de eu chegar nesse *mundo de pecador!*¹⁰ O axé sempre fez parte de meus cotidianos. Por mais que eu tenha caminhado por outras estradas que escolhi. Mas, quem é *do Santo*¹¹ não tem muito querer, como diz esse outro ponto muito cantado nas religiões de matrizes africanas:

“Xangô aonde o Senhor está?
Ô Santa Bárbara, Rainha do Jacundá
Segura a pemba que eu quero ver
Se filho de Umbanda já tem querer”
(Ponto Cantado)

Assim, meu primeiro encontro encantado aconteceu com uma entidade da Família de Surrupira, chamada “Chica Baiana”. Ela veio até mim enquanto eu sonhava, acordada. Foi dias depois de eu conhecer o terreiro de Tambor de Mina, onde fui *filha de santo*¹².

A Família de Surrupira é outro grupo de encantados, “Dona Chica” não é baiana da Bahia. liiih, se eu for contar sobre todas as famílias e histórias, haja cafézinho preto!

¹⁰ É como os encantados chamam a Terra.

¹¹ Assim chama-se quem é de religiosidade de matriz africana.

¹² Mulheres que participam dos ensinamentos e ritos em terreiros, acompanhadas pelos pais ou mães de santo.

Aprendi com os meus *mais velhos*¹³ que “Chica Baiana” é uma senhora de meia-idade, astuta, animada, mandingueira e gosta de dançar. Ela nos diz que se encantou no oco de um pau.

Eu nunca tinha ouvido falar dela na vida! Neste dia, acordei e ainda deitada, meio sonolenta vi o espectro de uma mulher na frente da minha cama. Vestida com uma saia rodada amarela e blusa vermelha, lenço verde cobrindo sua cabeça, ela sorriu e me disse: “Eu sou Chica Baiana”.

Tenho a *Orixá*¹⁴ Ewá como mãe de cabeça. Diz-se assim quando é o principal Orixá que rege a vida de uma pessoa. Ewá é Orixá da visão, da vidência, da beleza, da sensibilidade, dos segredos. Sua energia pode ser encontrada nos horizontes mais longínquos, do pôr do sol que olhos extasiados admiram, no tempo, como dizem os nossos mais velhos. Os céus laranja-avermelhados do entardecer são morada de Ewá.

Nossos ancestrais nos ensinam que os filhos e filhas dos Orixás têm as mesmas características dos Orixás a quem foram confiadas a proteção. Talvez por isso que, desde a adilescência, eu tinha essas visões inusitadas, que eram comuns em meu dia-a-dia.

Voltando ao caso da figura onírica de “Dona Chica”, pareceu durar cerca de cinco segundos, mas foi suficiente para eu saber que carregaria ela como minha encantada, que viria baiar na guma e fazer suas feitiçarias no terreiro.



Figura 1: Reza no altar
Fonte: Arquivo Pessoal – Fanuela Vasconcelos
em um terreiro de Tambor de Mina em
Manaus-AM, ano 2023.

¹³ Pessoas que têm mais experiências e conhecimentos, não necessariamente sendo mais velhos em função da idade.

¹⁴ Divindades representadas por elementos da natureza.

Foi uma grande honra quando contei para o *sacerdote*¹⁵ do terreiro, pois ele disse que já conhecia “Dona Chica Baiana”, mas *na cabeça*¹⁶ de uma senhora, que mora no Pará e gostava muito dele, na infância. Ele me contou que “Dona Chica”, ao se despedir, um dia disse que voltaria para ficar ao lado dele.

Esses são alguns “causos” por mim vivenciados com as encantarias. O terreiro e sua ciência nos ensina como gerar convivências éticas e estéticas por uma vida encantada, pois “educação deve gerar gente feliz, escrevendo, batendo tambor, dando pируeta, imitando bicho, fazendo ciência e gingando com gana de viver” (Simas, Rufino, 2018, p. 19).

Somos mulheres terra, mulheres água, mulheres vento, mulheres fogo. Mulheres que são circundadas por uma ancestralidade encantada e se fazem professoras na encantaria de uma ciência, de uma epistemologia ancestral amazônica. Viemos da terra que habitava na lama de Nanã e para ela retornaremos, vivendo assim em um ciclo dessa encantaria.

Na mitologia iorubá, o orixá que simboliza a paz, Oxalá, foi escolhido para criar as pessoas. Ele tentou usar diversos elementos naturais para tal, mas nenhum assumia a forma desejada. Foi então que Nanã Buruquê, a orixá mais velha, dona da lama e senhora da vida e da morte, ofereceu sua lama a Oxalá. Assim, ele conseguiu moldar as pessoas. Entretanto, Nanã disse-lhe que um dia sua lama voltaria à origem, pois era apenas um empréstimo. Desde então, somos circulares: nada tem um fim verdadeiro, pois somos começo, meio e começo. E o que a terra dá, ela reclama (Santos, 2023).

Na própria encantaria reside um mistério irrevelado, pois nem tudo pode ser descoberto. Há coisas que transcendem o dito, o escrito — algo que se sente, mas não se descreve. Dessa forma, compreendemos o movimento cosmológico como portador de um ciclo infinito que nos permeia. Quando permitimos que o cosmos viva sua encantaria, abrimo-nos para conhecer e ser o encanto da vida. Sabemos que, mesmo ao recortarmos um fragmento desse cosmos, jamais seremos detentores de toda a sua magia.

O fato é que a humanidade sempre encarou os caminhos cruzados com temor e encantamento. A encruzilhada, afinal, é o lugar das incertezas, das veredas e do espanto de se

¹⁵ Pessoa que zela pelo terreiro e seus filhos e filhas de santo.

¹⁶ Expressão usada para dizer que a entidade incorpora e trabalha com um filho ou filha de santo.

perceber que viver pressupõe o risco das escolhas. Para onde caminhar? A encruzilhada desconforta; esse é o seu fascínio. O que dizemos dessa história toda é que as nossas vidas nós mesmos encantamos (Simas; Rufino, 2018, p. 23-24).

Mesmo que queiramos, a vida nunca obedecerá aos nossos desejos e poderá doer, machucar ou decepcionar. Esse ciclo não é idealizado, pois faz parte desse viver e ser cosmos, com toda a sua encantaria. Haverá momentos em que desejariamos desistir, fugir com medo, mas, às vezes, precisamos sentir as dores para que os momentos de alegria ressoem mais alto em nossos corpos — pois é assim que aprendemos. Cabe a nós olhar para a beira do abismo e decidir saltar ou não. A partir desse momento, o olhar para a vida encantada passa a ser sentido e vivido em experiências que transcendem nossa compreensão.

Lembro-me de uma conversa com “Seu Surrupira”, em uma gira de *caboco*¹⁷. Enquanto eu chorava, era confortada por suas palavras, que me diziam para “deixar de me levar pela maré e traçar os rumos de minhas encruzilhadas”. Mas, tinha medo e esse mesmo medo me perseguia e me persegue até hoje, pois estamos muito confortáveis, às vezes, e quando queremos mudar, sentimos a dor que incomoda nossos corpos. No entanto, temos de seguir, pois depois da dor haverá momentos que compensarão em felicidades profundas.



Figura 2: Assentamento de Ogum
Fonte: Arquivo Pessoal – Terreiro de
Tambor de Mina,
em Manaus-AM, ano 2024.

¹⁷Como são chamadas as entidades espirituais que viveram na Terra e foram indígenas; alguns nobres. Outros, marinheiros.

Entendemos que a fotografia “estetiza as dimensões do sagrado, buscando simetrizar a criatividade fotográfica com a ritualística” (Junior; Veras, 2023, p. 11); dessa forma, essa fotografia se apresenta como parte de um rito que perpassou um momento de encruzilhadas. Desde lá, carrego comigo a espada de São Jorge *para aqueles que me desejarem mal, não me alcancem, não me peguem, não me vejam.*

As encruzilhadas e suas esquinas são campos de possibilidade, lá a gargalhada debocha e reinventa a vida, o passo enviesado é a astúcia do corpo que dribla a vigilância do pecado. O sacrifício ritualiza o alimento, morre-se para se renascer. O solo do terreiro Brasil é assentamento, é o lugar onde está plantado o axé, chão que reverbera vida (Simas; Rufino, 2018, p. 13).

Recebemos sinais em sonhos, em pequenos detalhes negligenciados da vida cotidiana, e, às vezes, até mesmo achamos que estamos ‘loucos’ pelos nossos pensamentos intuitivos. Loucura ou intuição? “Ja estou tão cheio dos verdadeiros ou falsos esquizos que me converteria com prazer à paranoia. Viva a paranoia!” (Deleuze, 2008, p. 11). Quem sabe não seja isso a encantaria?

Sonhar é uma prática que pode ser entendida como regime cultural em que, de manhã cedo, as pessoas contam o sonho que tiveram. Não como uma atividade pública, mas de caráter íntimo. Você não conta seu sonho em uma praça, mas para as pessoas com quem tem uma relação. O que sugere também que o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível. Quando o sonho termina de ser contado, quem o escuta já pode pegar suas ferramentas e sair para as atividades do dia (Krenak, 2020, p. 20-21).

Somos atravessadas pela encantaria cotidianamente, mas, muitas vezes, estamos tão ocupadas e preenchidas pelos desencantamentos que a vida nos obriga a carregar. Fomos impostas pelos colonizadores em como deveríamos viver, agir e sentir. Quando adentramos na macumba, na encantaria, nas ervas, nos conectamos com a vida para além do que é considerado útil para a sociedade. A humanidade tem a mania de se achar superior, não se sente parte do cosmos. “Os humanos são os eucristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmófobia é a grande doença da humanidade” (Santos, 2023, p. 16).

Fazer parte da encantaria é utilizar os recursos naturais — a vida, a terra, as folhas, as águas. Pedimos licença para usufruir de seus encantos e agradecemos por

sua ajuda, devolvendo à natureza. Um rito, um respeito por aqueles que nos auxiliam e nos ensinam, pois «a vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição» (Krenak, 2020, p. 15).

Nós nos encantamos por pessoas que atravessam nosso espaço-tempo e deixam um pouco delas conosco, assim como nós deixamos um pouco de nós com elas. Nesses encontros cosmológicos entre nossas convivências — especialmente nós, as cinco mulheres —, vibramos e confluímos em diversos sentimentos compartilhados. Giramos nessa espiral e, no meio dessa imensidão, nos encontramos e nos conectamos. Uns dirão que é destino; outros, coincidência ou algo do tipo. Somos mulheres singulares, que habitam diferentes corpos, mas em nenhum momento estamos sós, seja neste plano terreno, seja em outro espiritual, pois carregamos conosco nossa ancestralidade.

Circulações finais em começos

Cartografar de modo circular é de uma (des)lógica da encantaria na Amazônia, que abandona os limites predeterminados que procura entender e fixar as convivências e afetos de mulheres, professoras, pesquisadoras, macumbeiras, encantadas. Isto porque multiplicar fronteiras para caber tudo aquilo que habita em nós é como constituir um corpo-escrita-vida.

Somos todas praticantes de nomadismos ancestrais e de (des)palavras que vibram, justamente por se movimentarem impregnadas da vitalidade do escurecer e do devir que nos convoca a sentir uma educação e uma ciência-encanto que dá visibilidade para a multiplicidade do pensar e da ambivalência: mulher e planta e Ogum e bicho e professora...

Em outras palavras, professoras que se mobilizam pela sensibilidade para não serem reduzidas ao cartesianismo, ao pensamento dicotômico e demais ordens coloniais. Distraidamente atentas, ainda que, às vezes, possamos espreitar a estranheza de sonhar gentes que ensinam.

Nessa perspectiva, nossas vidas são atravessadas por cosmopercepções que se manifestam nas repetições desses arranjos corpoéticos e que, aos poucos, buscam (des)inventar as estruturas do nosso professorar-mulher colonial. Cada mulher é uma propositura, uma composição de incontáveis corpas encantadas amazônicas. O sonho-ancestral de cartografar, de modo circular, uma encantaria na Amazônia —

pelas criações e pelos desejos de produzir micropolíticas formativas — permanece atual.

Destacamos que, para cartografar, é preciso entrar em sintonia e estabelecer conexão com o outro. É necessário ter e dar tempo, estar à espreita, ser e estar sensível. Como professoras-encantadas, é fundamental que cultivemos essa atenção sensível, que possamos olhar para o outwro de maneira atenta, fazendo brotar nele, também, um corpo-sensibilidade.

A sensibilidade emerge da criatividade, da força de subjetividades capazes de inventar outros mundos e futuros. Nos (des)caminhos de criar mundos, saber nomear-se como encantaria é igualmente um gesto necessário. Avante.

Referências

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha Mãe in Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. (org) Marcos Antônio Alexandre. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.
- FERREIRA, Tássio. *Pedagogia da Circularidade Afrocentrica: diretrizes metodológicas inspiradas nas ensinagens da tradição do Candomblé Congo-Angola*. Tese (Doutorado - Doutorado em Artes Cênicas). Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, 2019.
- JUNIOR, José Luís Abalos; VERAS, Hermes de Souza. Imagem, Religião e Território: Uma experiência de curadoria digital. *Equatorial*, v. 10. n.19. Jun. / Dez. 2023.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RUFINO, Luiz. Miudeza da ancestralidade. In: SIMAS, L. A; RUFINO, L; HADDOCK-LOBO, R. *Arruaças: uma filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 180-182.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, Antonio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Gêneros e sexualidades: por um devir menor da Educação em Biologia. In: SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura (Org.). *Gêneros e sexualidades em redes: conversas com/na Educação em Ciências e Biologia*. Uberlândia/MG: Culturatrix, 2022, p. 43-54.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.